

O Estudo das Práticas Financeiras na Época Moderna: Exigência de uma Cultura Convergente

Maria Leonor García da Cruz¹

Submetido em 4/12/2016

Aceite em 13/2/2017

Resumo: Ao abordar o tema das práticas financeiras na Época Moderna, pode perspectivar-se a análise sob o ângulo da história económica ou da sociologia fiscal. Não faltarão, contudo, factores condicionantes sob o ângulo da contabilidade, do direito, da política e mentalidades, da história da arte e da espiritualidade.

As fontes de informação da época (textuais/pictóricas) obrigam a metodologias de inquérito e a comentários próprios cujos resultados contribuirão, numa conjugação de esforços interdisciplinares, para um estudo mais aprofundado do tema.

Demonstra-se neste artigo como o investigador, face a extensa bibliografia e fontes de tipologia variada, se deve colocar na encruzilhada de vários saberes para pesquisar e esclarecer o estudo do dinheiro e das suas representações, do crédito, dos mercadores e dos mercados, dos agentes de cobrança de impostos, dos poderes políticos e das avaliações sociais, inventariando, enfim, e percorrendo uma série de tópicos de reflexão necessários ao esclarecimento das matérias a analisar.

Palavras-chave: Iconologia - Sociologia - Finanças - Política - Cultura convergente.

Abstract: When addressing the topic of financial practices in the Modern Age the analysis can be performed from the viewpoint of economic history or fiscal sociology. There is no lack of conditioning factors in terms of accounting, law, politics, mentalities, history of art and spirituality.

The sources of information of the time (texts/pictures) require research methodologies and comments, with a combined multidisciplinary effort, the results of which will contribute to a more profound study of the topic.

This article shows how the researcher, with an extensive biography and sources of different types, must place himself in the crossroads of different areas of knowledge in order to clarify the study of money and its representations and of credit, of merchants and markets, of tax collectors, of the political system and social assessments, inventorying and covering a range of topics required to reflect on the clarification of the issues to be studied.

Keywords: Iconology - Sociology - Finances - Politics - Converging culture.

¹ Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Centro de História da Universidade de Lisboa.
E-mail: cruzmaria@campus.ul.pt

Decorrem as práticas financeiras de contextos geográficos e produtivos diferenciados, da configuração de mercados internos e de extensões a mercados externos, de crédito, de instrumentos e técnicas, de organizações institucionais, de tipos de ofícios e de transacções, da estrutura social e avaliação de funções, de constrangimentos e liberalidades políticas.

Com o contexto geográfico e produtivo se relacionam a valorização de actividades, as opções da política económica, os fluxos migratórios, a valorização de ofícios. Basta recordar as origens da Expansão portuguesa além-mar e como para isso contribuiu a configuração simultaneamente rural e marítima do país² e o desenvolvimento de técnicas, aliado a orientações políticas internas e externas. Importante, também, a valorização de ofícios e de grupos oficinais ou mecânicos, diferente consoante as regiões mais ou menos próximas de portos de mar³ e do comércio de longa distância, reflectida no quotidiano social e em épocas festivas de cerimonial laico ou religioso⁴.

As práticas financeiras estão directamente relacionadas com as transacções comerciais, os instrumentos de troca, o numerário entesourado ou em circulação, revelando-se os utensílios de pagamento também instrumentos de crédito.

Uma análise de longa duração e trabalho de síntese notável foi realizada pelo historiador Fernand Braudel e pelo investigador de história económica Frank C. Spooner (1967/1991) quando revisitaram as principais teses sobre o fenómeno da alta de preços nos Estados europeus do século XVI e avançaram novas explicações, ao salientarem, entre os fenómenos condicionantes, a maior rapidez de circulação de produtos, incluindo metal precioso⁵.

Ao considerar-se a perspectiva histórica, demonstrou Fernand Braudel (1958/1972) a necessidade de se considerar em todos os domínios a longa duração, a conjuntura

2 Perspectiva desenvolvida pelos trabalhos do médico e historiador Jaime Cortesão (1964/1984) e do geógrafo Orlando Ribeiro (1986/1998). A dupla definição das características do país trouxe nova luz à historiografia, parte desta marcada pela valorização do rural e de como os Descobrimientos haviam constituído uma viragem de natureza do país, nefasta, trazendo com isso a decadência (Maria Leonor García da Cruz, 1998). De salientar quanto lutam os *Annales* pelas relações entre as realidades físico-biológicas e a história humana, afastando-se de uma história-acontecimento e de uma geografia que ignorava o impacto da vida social. Recordo-o Immanuel Wallerstein (2004). Note-se também a atenção dada por Jean-Claude Raison (1978), ao escrever sobre Geografia humana, para níveis profundos do processo histórico como a ecologia e a geografia, e as concepções de Vitorino Magalhães Godinho sobre complexos histórico-geográficos (1961/1971).

3 Veja-se António de Oliveira (1982) sobre a estrutura social de Coimbra.

4 Renata de Araújo (1990).

5 Fernand Braudel e F. Spooner (1967/1991). Braudel e Spooner revisitam teses e avançam, aliás, nos estudos sobre a expansão e circulação da prata em época de globalização. Spooner é autor de *L'Économie mondiale et les frappes monétaires en France, 1493-1680* (1956) onde avalia o significado das flutuações de metais preciosos em França em relação à evolução da economia mundial, com impressionante documentação estatística. Ganhará este estudo, segundo Valéry Janssens (1958), com uma revisão das concepções económicas, do ponto de vista da ciência económica e da história monetária.

e o tempo breve dos fenómenos que se entrecruzam e se interinfluenciam. Diferentes ritmos se verificam no objecto de análise, no processo histórico, seja em história económica, social ou política.⁶ Na obra sobre *O Mediterrâneo e o mundo mediterrânico na época de Filipe II* (1849/1983-4) como em *Civilização material, economia e capitalismo, séculos XV-XVIII* (1979/1992), diferentes conjunturas são objecto de atenção para Braudel, desde a cultural, à política e à social.

Longas flutuações e oscilações breves também servem de reflexão e de instrumentos de análise histórica a Vitorino Magalhães Godinho, ao debruçar-se sobre as relações planetárias do comércio marítimo português e as crises económicas e financeiras⁷. Relacionado com estas matérias há que ponderar o quantificável. Há também que relativizá-lo na economia da análise histórica, uma vez que nem sempre se possuem registos completos ou suficientes ou ainda critérios adequados de apuramento, facto por si só também importante na ponderação epistemológica (classificações sociais e socioprofissionais, por exemplo).

Os historiadores do económico são induzidos, cada vez mais, a considerar aspectos ou tópicos ligados directamente com a vida material, objectos de estudo normalmente mais apelativos para o historiador do social ou do cultural, desde a demografia, recursos alimentares, hábitos e normas, a operações monetárias⁸.

Braudel, em *Civilização material*, revisita de forma crítica noções gerais, seja a de economia-mundo, termo desenvolvido pelo sociólogo Immanuel Wallerstein (1974/1990), seja a tese de Max Weber (1904/2005), jurista e economista considerado pilar do estudo moderno da sociologia, sobre a relação entre calvinismo e capitalismo. A este propósito há que considerar em assuntos económicos o papel de factores não económicos, sendo que a profissão de fé e as orientações políticas de autoridades e de agentes se tornam de extrema importância em Quinhentos.

Como a religião oficial e instrumentos de controlo doutrinal e de condutas, como é o caso da Inquisição (e de outros tribunais) em países católicos ou o Consistório em Estados calvinistas, condicionam os negócios?

6 Reflectindo tanto sobre os avanços como sobre os precalços do movimento historiográfico dos *Annales*, Fernand Braudel escreve sobre a Longa Duração (*Histoire et sciences sociales: La longue durée*, 1958; trad. port. 1972). Chamou a atenção para diferentes ritmos da própria história política. Também sobre processos de longa duração nesta área, assim como em história militar e institucional, trabalharam, para o período moderno, entre outros, Roland Mousnier, Juan-Luis Vives, J.R. Hale e Federico Chabod. O processo de desenvolvimento do pensamento político na longa duração foi considerado, por sua vez, por estudiosos como Pierre Mesnard e J.W. Allen, entre outros.

7 Ver Vitorino Magalhães Godinho, sobre revolução dos preços e flutuações económicas no século XVI (1968/1978) e a sua obra sobre *Os Descobrimentos e a Economia Mundial* (1963/1981). Em obra publicada em 2000 refere-se uma vez mais à ligação substancial da Europa à Ásia e às Américas, inventando-se com isso o mundo e neste se formando a Europa.

8 Cultura material é um conceito operativo de há muito dos antropólogos, conforme Peter Burke (1999).

Para revisitar criticamente a tese de Max Weber, há que ponderar sobre a complexidade dos negócios e das técnicas financeiras no mundo católico antes, durante e após a Reforma, do pensamento económico à orgânica de associações e de poderes, incluindo o Papado, verificando como se ultrapassam condicionalismos éticos numa funcionalidade prática. Longe se está da concepção cristã medieval de condenação do vil metal ao ponto do seu manuseamento ser relegado para a comunidade judaica⁹. De práticas financeiras e chorudos proventos tiram partido fidalgos portugueses, directamente ou por testas de ferro, usufruindo da política da graça régia (redistribuição de bens da Coroa portuguesa) e de rendimentos do continente e do Império ultramarino.

Imagem-1: O usurário de Holbein n' *O Elogio da Loucura* de Erasmo



⁹ À condenação do usurário ou prestamista se refere Erasmo n' *O Elogio da Loucura* e Holbein na forma de o ilustrar. Ver Imagem-1 retirada de Erasmo, *L'Eloge de la folie*, ilustrações de Holbein, Pierre Vander (Leide), 1713. disponível em linha: <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b22001421/f80.item.r=eloge%20de%20la%20folie>

Refere Frédéric Mauro (1966) as “máscaras” ou artifícios que se aplicam inclusivamente na documentação para legitimar determinadas transacções financeiras¹⁰ e necessário se torna acompanhar não apenas os negócios de amplitude mundial de negociantes de elevado porte como as ligações que se estabelecem forçosamente, em várias partes do mundo, entre indivíduos e comunidades de crenças e sensibilidades mercantis diferentes. Poder-se-ia também acrescentar a conversão (ou dupla conversão) religiosa como utensílio prático ao longo da época moderna, para facilitar negócios...

Recorde-se que a detenção de um negociante em Portugal, com o respectivo sequestro de bens¹¹, pode retardar ou mesmo inviabilizar transacções e pagamentos a crédito, ao ponto de trazer maiores prejuízos, como a indisponibilização de negócios com comunidades de cristãos-novos. De referir também os efeitos sobre orgânicas institucionais de navegantes e de mercadores estrangeiros no país¹².

Por outro lado, as fronteiras da legalidade de empreendimentos e empréstimos a juros são por vezes ténues, como se pode deduzir do estudo de diversos tratados escritos por homens da Igreja católica (uns provenientes da Universidade de Salamanca outros gerados já na própria Universidade de Évora na segunda metade do século XVI¹³) quando reflectem sobre tais matérias. Claro que também há restrições em países não católicos, de forma a prevenir a usura e o incentivo da parasitagem ou da vagabundagem, como é o caso de Genebra e das normas de Calvino, que influenciarão os meios presbiterianos em diversas regiões.

Não apenas o factor demográfico, bem incidente positivamente em países do Noroeste europeu ainda no século XVII, como a Inglaterra ou as Províncias Unidas, ocasiona vantagens sociais, técnicas e económicas, levando ao impulso de expansões que ameaçam e se tornam fortes concorrentes com os impérios ibéricos. Há que considerar vicissitudes políticas como a luta de independência da República das Províncias Unidas cuja organização se deve a um longo processo de alterações que se explicam por fenómenos económicos, militares, religiosos. Confluem na constituição do novo Estado (em processo de legitimação internacional) condicionantes sociais e ideológicas de suma importância¹⁴. Basta recordar opções

10 Frédéric Mauro (1966). A propósito consultar Maria Leonor García da Cruz (2009). De salientar já em Tawney (1926/1977) fundamentos e condicionantes intelectuais e sociais da prática e do pensamento económico. O mundo dos negócios (câmbios, escrituras, práticas comerciais e financeiras) motivam vasta produção de pintura satírica do neerlandês Marinus van Reymerswaele (c.1490-c.1567). Ver a propósito Imagem-2: *The Tax Collector*, 1542, Alte Pinakothek, Munich. Disponível em linha: Web Gallery of Art, criada por Emil Krén e Daniel Marx.

11 Maria Leonor García da Cruz (2007b).

12 L.M.E. Shaw (1992)

13 Virginia Rau (1961/1984).

14 Saliente-se Henk F. K. van Nierop tanto nos estudos sobre manifestações ideológicas e culturais como no destaque

religiosas, migrações, reestruturações sociais, que configuram uma sociedade bem diferente dos outros Estados europeus. Os estames sociais desmultiplicam-se num mundo civil secularizado, embora não descrente nem longe da influência de normas eclesiais¹⁵. Investidores e negócios interligam-se na constituição de sociedades e organizações, polarizadas nos regentes das cidades, no Banco de Amesterdão, nas grandes Companhias de intervenção ultramarina.

Imagem-2: Os colectores de impostos de Marinus van Reymerswaele



A propósito dos movimentos sociais e do aumento da virulência inquisitorial, sobretudo contra o criptojudeu, em correlação com o movimento dos preços e dos rendimentos, no século XVII, deve recordar-se quanto António de Oliveira considera a forçada integração de elementos também religiosos, culturais e políticos na formação de modelos explicativos.¹⁶

De salientar igualmente a sua permanente actualização bibliográfica e quanto alude, quando oportuno, a Leonard Berkowitz (1962) e à psicologia social ou a Jack A. Goldstone (1991) nas implicações teóricas da história escatológica no fenómeno revolucionário, a Jean Delumeau (1978) e a investigadores reunidos por

das vicissitudes sociais. Contribuições fundamentais em 1991 e 1993.

15 Nova Igreja de Calvino organizada segundo as Ordenações da Igreja de Genebra, considerando-se não uma Igreja mediadora entre Deus e os homens com ordens sacras, como a Igreja católica, mas antes uma Igreja tecto, protectora e orientadora de condutas segundo as sagradas escrituras, fonte de toda a autoridade.

16 António de Oliveira (1981/2002, pp. 319-352) sobre o motim dos estudantes de Coimbra contra os cristãos-novos em 1630.

François Châtelet (1972-73/1974) em torno de problemas de filosofia, para além de referências fundamentais a Roland Mousnier (1984) sobre as revoltas da Idade Moderna e ao pulsar da “identidade e da oposição” nos levantamentos populares¹⁷, ao problema do crédito ao debruçar-se sobre contestações fiscais¹⁸, mencionando novos materiais entretanto utilizados ou novas significações encontradas, não deixando de ressaltar proximidades e distanciamentos da interpretação de diferentes investigadores¹⁹.

Imagem-3: Emblema de Alciato sobre o fisco



Ao tratar dos indivíduos, como homens físicos e psíquicos, seus tipos de actividade, seus costumes e suas evasões, recordamos Robert Mandrou e a sua *Introduction à la France moderne (1500-1640)*, como o subtítulo indica, *Essai de psychologie*

¹⁷ António de Oliveira (2002, pp. 513-687), sobre os levantamentos populares do Algarve em 1637-1638, onde cita Alain Milhou (1978).

¹⁸ António de Oliveira (1984/2002, pp. 275-317), sobre a contestação fiscal em 1629 e as reacções de Lamego e do Porto, onde salienta o trabalho de Carlos Álvares Nogal (1997). Saliente-se sobre o papel do governante e a sua política fiscal o emblema de Andrea Alciato (1492-1550), “O que não toma Cristo, rouba-o o fisco” - Imagem-3 - de edição seiscentista de *Emblemata* [1531], Pádua, 1621, disponível em linha: <http://www.emblems.arts.gla.ac.uk/alciato/emblem.php?id=A21a148>. Note-se, ao utilizar-se fontes iconográficas inseridas em livros de Emblemas, a importância de se verificar quanto diferem graficamente consoante o contexto epocal e regional da edição e a habilidade do gravador. De interesse o confronto deste emblema específico com a representação da “Razão de Estado” na *Iconologia* [1593] de César Ripa (1555/60-1622), conforme Maria Leonor Garcia da Cruz (2006). Ver também M.L.G. Cruz (2014).

¹⁹ A sua própria leitura em relação à de Fernando J. Bouza Álvarez, por exemplo em “Oposição política em Portugal nas Vésperas da restauração”. Ver António de Oliveira (1991/2002, pp. 689-717), nota 4.

historique (1961/1998), que se esforça por actualizar logo na segunda edição (1972), conforme desenvolvimentos de perspectivas de investigação entretanto desenvolvidas desde a cultura e as revoltas populares, até a hábitos de alimentação, contornos da feitiçaria, vida intelectual.

Os homens nos seus ofícios e mobilidade, sobretudo se ligados ao grande comércio e transacções financeiras, vivem na encruzilhada de grandes rotas e de culturas, facto que influencia os seus hábitos pessoais e colectivos e a repercussão de suas actividades enquanto agentes inter-regionais, quiçá intercontinentais.

Há que olhar ao negociante nativo de qualquer parte do mundo no contexto da sua cultura própria, seja em África, na Ásia, na Europa ou na América, perspectivando as influências adjuvantes do universo místico-religioso, politico-ideológico e material. Mas há também que olhar aos agentes miscigenados, da mesma forma que aos intermediários quantas vezes contaminados por culturas diferentes. Não esquecer ainda, no âmbito europeu, a título de exemplo, quanto o missionário de Quinhentos pode assumir em diferentes continentes um papel fundamental de agente de negócios.

Crente, como foi o homem do século XVI²⁰, o homem prático da mercancia e das finanças teme pela salvação da sua alma tanto como qualquer contemporâneo e conterrâneo de outro status ou ocupação²¹.

²⁰ Lucien Febvre (1942/1971).

²¹ Alberto Tenenti (1988/1991). Ver Imagem-4, conjunto de duas gravuras de Hans Holbein o Moço de *A Dança da Morte* [1523/26] o “Avarento” e o “Mercador”, disponíveis em linha: <http://www.sacred-texts.com/jbh2yr/38724-h.htm>

Imagem-4: o Avarento e o Mercador de Holbein na *Dança da Morte*

Da mesma forma reage, às portas da morte, demonstrando arrependimento e aparente desprendimento de bens materiais mas, note-se, distribui o seu patrimônio e bens móveis, garantindo que parte se destina à Igreja para benefício da imortalidade da sua alma²². Tais sentimentos terão de ser confrontados com fontes diversificadas, seja os testamentos e outras disposições legais, seja inventários de bens cuja tipologia revele tendências de leitura e de espiritualidade, seja representações artísticas sobre a dança da morte ou a reflexão sobre a vaidade humana.

²² Jacques Le Goff (1986/1987).

Imagem-5: De Quentin Massys, o banqueiro e sua mulher verificando os ganhos



Inventários de mercadores catalães dos finais do século XV parecem contradizer o pânico espelhado nas gravuras de Hans Holbein o Moço (1497/98-1543) do homem rico/avarento ou do mercador surpreendido e em pânico pela morte o vir arrebatado dos seus bens. Na verdade, as obras encontradas indicam uma influência acentuada das correntes místicas dos finais do século XV e dos escritos de Erasmo de Roterdão, entre espólio profano e espiritual²³. Também os quadros de Hieronymus Bosch (c.1450-1516), do miserável avarento moribundo, introduzem a intervenção do livre arbítrio humano concorrente com a graça divina na salvação da alma²⁴.

Deveremos ainda recordar Quentin Massys (c.1465-1530), artista flamengo amigo de Erasmo, e o casal por ele retratado, que atende simultaneamente à contagem de dinheiro e a um livro de orações²⁵, modelo que inspirará numerosas obras de

23 Alfons Puigarnau (2002).

24 Enquanto o Anjo pretende prender-lhe a atenção para a imagem de Cristo num crucifixo na janela, um dos múltiplos diabos tenta-o com um saco de riqueza para o qual ele, diante da morte, ainda estende a mão. Hieronymus Bosch, *A Morte do Avarento*, c.1490, National Gallery of Art, Washington.

25 Ver Imagem-5, de Quentin Massys, *The Moneylender and his Wife*, 1514, Musée du Louvre, Paris. Disponível em linha: Web Gallery of Art criada por Emil Krén e Daniel Marx

Marinus van Reymerswaele (c.1490-c.1567), se bem que nestas a documentação de registo mercantil pareça substituir referências confessionais e a vela apagada possa originar outras interpretações...²⁶

Imagem-6: de van Reymerswaele, o banqueiro e sua mulher verificando os ganhos



Uma sociedade mercantilizada, seja no Norte de Itália, no Norte da Europa ou na Península Ibérica, implica análises sobre tópicos relacionados ainda com as mentalidades e os hábitos sociais que nos conduziriam a pesquisas sobre a educação - não apenas como trampolim para uma almejada promoção social, mas para racionalização e engrandecimento dos negócios familiares -, o uso da aritmética, enquanto forma de conhecimento e produto de actos sociais - com a difusão de livros de aritmética após o advento da imprensa²⁷ -, e o desenvolvimento de técnicas de contabilidade - com inovações como a notação árabe e a escrituração por partidas dobradas quando oportuno²⁸.

26 Ver Imagem-6, de Marinus van Reymerswaele, *Money-Change and his Wife*, 1539, Museo do Prado, Madrid. Disponível em linha: Web Gallery of Art criada por Emil Krén e Daniel Marx

27 A. A. Marques de Almeida (1994). Ver Imagem-7, *Tratado da pratica de Arismetica*, 1594, de Gaspar Nicolas, disponível em linha na Biblioteca Nacional Digital: <http://purl.pt/23249>. Trata-se da quinta impressão, corrigida, de um dos autores portugueses mais divulgados, com nove edições entre 1519 e 1679.

28 Virginia Rau (1951/2009). A.A. Marques de Almeida (1997). Inovador e de grande utilidade o *Dictionnaire historique de la comptabilité publique* sob a direcção de Marie-Laure Legay (2010). Do Colloque international *Les comptes publics : enjeux, techniques, modèles 1500-1850*, org. A.Dubet, S.Kott, M-L.Legay, Y.Lemarchand, N.Platonova, ANR-UMR, IRHIS-CNRS/Université Charles-de Gaulle Lille III, CNRS/Université Paris Ouest Nanterre La Défense (Nanterre, Univ. Paris Ouest Nanterre, 10-12 Junho 2010) resultaram algumas novidades a partir de uma

Imagem-7: Tratado de aritmética de Gaspar Nicolas



Também muito se poderia acrescentar ao aprofundar a gestão económica por parte de Estados e de autoridades numa tendência de intervenção maior e de dirigismo, em diversas áreas europeias.

história comparada de casos, sobre a relativização a introduzir num discurso que consideraria o uso de técnicas avançadas como sinal indiscutível de uma fase determinada de modernidade, sem olhar à escolha pelos homens de usos mais rudimentares porque de maior utilidade mesmo que em períodos posteriores. A Imagem-8 representa na ficha para contar um operacional. Trata-se de um Jeton do tipo Rechenmeister/ Abecedario (s. XVI-XVII), Fundación Museo de las Ferias, Medina del Campo. Imagem gentilmente cedida por esta Fundação.

Imagem-8: Jeton do tipo Rechenmeister/ Abecedario



As instâncias financeiras do Estado regulam-se no Portugal quinhentista por Ordenações próprias da Fazenda de 1516, compostas por regimentos e documentação que integram, naturalmente, regras sobre ofícios e nomeação dos seus detentores, arrendamento de direitos e de impostos, disposições fiscais, questões em torno da ordem do juízo da Fazenda real²⁹. A orgânica institucional imbrica-se tanto numa fundamentação político-ideológica³⁰ quanto na estrutura e dinâmica dos corpos sociais³¹ e na configuração jurídica de propriedades e bens.

29 Maria Leonor García da Cruz (2001). Parece-nos uma perspectiva ausente, a acrescentar nas suas múltiplas relações a análises como a de Norbert Elias (1989-1990) sobre *O Processo Civilizacional. Investigações sociogenéticas e psicogenéticas*, particularmente no 2º volume a propósito das “transformações da sociedade. Esboço de uma teoria da civilização”. Para uma análise mais cuidada de tópicos específicos há que recorrer a obras especializadas como a de José Luís Saldanha Sanches (1987) e acompanhar estudos tanto sobre *Economic Systems and State Finance*, ed. Richard Bonney (2002), como as reflexões da moderna sociologia fiscal. Ver, a esse propósito, Isaac William Martin et al (eds.) (2009).

30 Patente também na numismática. Nos próprios utensílios metálicos de operações financeiras, sejam moedas ou fichas para contar /jetons, evidenciam-se em Portugal os símbolos do poder e da fundamentação místico-ideológica da sua Expansão. Veja-se a esse propósito a Imagem-9: Conto para contar da época de D. Manuel - E1-CC-23 A e R, Museu do Banco de Portugal, Lisboa. Imagem gentilmente cedida por esta instituição. Em contraste com o jeton da Imagem-8, este conto para contar patenteia as armas reais portuguesas numa face, o anverso, e no reverso a esfera armilar (neste caso não a cruz, também usual), à semelhança das moedas da época.

31 Maria Leonor García da Cruz (2004; 2007a; 2010). A burocratização e especialização de instâncias constituem, elas próprias, meios de engrandecimento dos Estados e da sua fundamentação prático-jurídica, quanto meios proporcionadores de alteração de estatuto social dos seus componentes. O exercício de um alto ofício pode nobilitar e proporcionar privilégios, tanto como a prestação de serviços no campo das finanças e dos negócios (para o bem público) pode ser motivo de negócio, ocasionando a concessão de favores e de privilégios pelas autoridades reinantes, alterando a posição social do beneficiário (mediante a reavaliação da sua função) .

O fenómeno político e a aparelhagem da administração financeira interligam-se, constituindo as finanças públicas nervo fundamental do Estado e barómetro da sua capacidade de controlo sobre indivíduos, corpos sociais e instituições.

Imagem-9: De Portugal, conto para contar



Riqueza, dinheiro, operações financeiras, ora normalizadas em documentação jurídica e em tratados de prática e de doutrina, ora objecto de atenção crítica, até sarcástica, nas belas-lettras³² e nas belas-artes³³, são representadas em materiais diversificados, da decoração arquitectónica à xilogravura, da pintura à iluminura, e à numismática.

No confronto de sensibilidades e perspectivas intelectuais que ressaltam das diferentes fontes de estudo e da escolha ponderada de técnicas de pesquisa, a reflexão do investigador de história das práticas financeiras necessita, assim, cada vez mais, do aprofundamento especializado e da convergência de outras áreas de pesquisa. Daí mencionar-se no título deste artigo a exigência de uma

32 Recorde-se em pleno Renascimento a par d'*O Elogio da Loucura* de Erasmo de Roterdão, *Ropica Pniefma*, tratado de mercancia espiritual, de João de Barros (1532) ou a dramaturgia de Gil Vicente. Note-se que no aprofundamento por Maria Leonor García da Cruz *et al* (1984) de uma história das mentalidades, analisando-se terminologia e a construção carnavalesca do discurso vicentino, considerou-se fundamental o recurso ao estudo semiológico de Julia Kristeva (1970/1984).

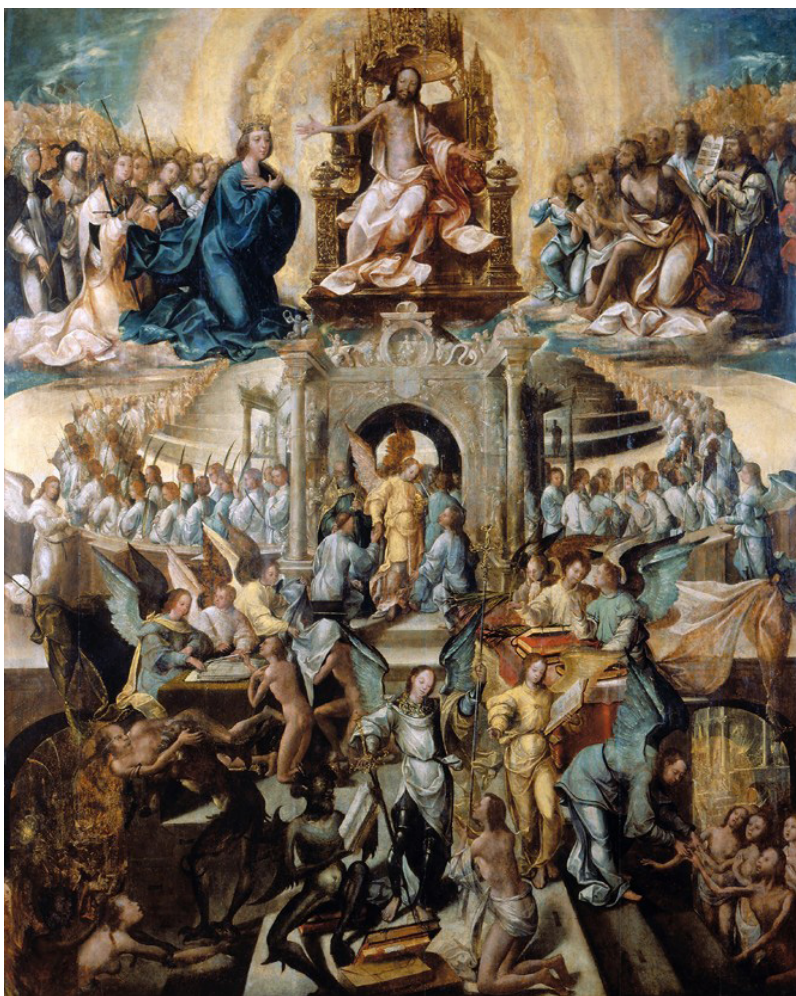
33 A destacar a interdisciplinaridade em análises de Philippe Hamon (2010) e de Vítor Serrão (1983; 2007). Como apoteose da imagética de uma sociedade mercantilizada, destaque-se a Imagem-10: *Julgamento das Almas*, c. 1540, Museu Nacional de Arte Antiga, Lisboa. Disponível em linha:

<http://www.museudearteantiga.pt/colecoes/pintura-portuguesa/julgamento-das-almas>

A ponderação do seu destino não se fundamenta numa pesagem das almas, como é usual nesta temática, mas sim numa análise contabilística das acções, revisitadas em livros de registo (do deve e do haver) por anjos e demónios. Um dos condenados pode, inclusivamente, identificar-se a um contabilista...

cultura convergente. O investigador é impelido a cruzar ponderações sobre conceitos e utensílios metodológicos, e, inclusivamente, a testá-los. Deverá com isso projectar um alargamento enriquecido da problemática e, dessa forma, cumprir um objectivo maior, o do aprofundamento do conhecimento. Alargando a visão sobre a complexidade de factores condicionantes e adjuvantes, poderá revisitar e aprofundar, revendo do ponto de vista historiográfico, matérias singulares.

Imagem-10: Contabilidade no destino das almas



Bibliografia

- Almeida, A. A. M. (1994). *Aritmética como descrição do real (1519-1679). Contributos para a formação da mentalidade moderna em Portugal* (2 vols.). Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses / Imprensa Nacional - Casa da Moeda.
- Almeida, A. A. M. (1997). A Aritmética Comercial em Portugal nos séculos XVI e XVII. In *Estudos de História da Matemática*. Mem Martins: Editotal Inquérito.
- Álvares Nogal, C. (1997). *El crédito de la monarquía hispánica en el reinado de Felipe IV*. Valladolid: Junta de Castilla y León.
- Araújo, R. (1990). *Lisboa - A Cidade e o Espectáculo na Época dos Descobrimentos*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Berkowitz, L. (1962). *Agression. A social psychological analysis*. New York: McGraw-Hill.
- Bonney, R. (ed.) (2002). *Economic Systems and State Finance*. New York: Oxford University Press/ Clarendon Press.
- Braudel, F. (1972). *História e Ciências sociais*. Lisboa: Editorial Presença. [1958].
- Braudel, F. (1983-1984) *O Mediterrâneo e o mundo mediterrânico na época de Filipe II* (2 vols.). Lisboa: D. Quixote. [1949].
- Braudel, F. (1992). *Civilização material, economia e capitalismo, séculos XV-XVIII* (3 vols.). Lisboa: Teorema. [1979].
- Braudel, F. & Spooner, F. (1991). Os preços na Europa de 1450 a 1750. In *Escritos sobre a História*. Lisboa: Editorial Presença, 35-175. [1967. In *The Cambridge Economic History of Europe*, 4].
- Burke, P. (1999). 'Material Civilisation' in the work of Fernand Braudel. In Stuart Clark (Ed.), *The Annales School: Critical Assessments* (Volume III *Fernand Braudel*). London; New York: Taylor & Francis.
- Châtelet, F. (dir.) (1974). *História da Filosofia. Ideias, Doutrinas. A filosofia do mundo novo. Séc. XVI e séc. XVII*. Lisboa: Publicações Dom Quixote. [1972-73].
- Cortesão, J. (1984). *Os factores democráticos na formação de Portugal* (4ª ed., Prefácio de Vitorino Magalhães Godinho). Lisboa: Livros Horizonte. [1964].
- Cruz, M. L. G. (1998). *Os "Fumos da Índia": Uma Leitura Crítica da Expansão Portuguesa. Com uma Antologia de Textos dos Séculos XVI-XIX*. Lisboa: Edições Cosmos.
- Cruz, M. L. G. (2001). *A Governação de D. João III: a Fazenda Real e os seus Vedores*. Lisboa: Centro de História da Universidade de Lisboa. Em linha desde 2010:

<http://repositorio.ul.pt/handle/10451/585>.

Cruz, M. L. G. (2004). Práticas comerciais e financeiras e reestruturação económica em considerações de D. António de Ataíde, Conselheiro e Vedor da Fazenda de D. João III. In *D. João III e o Império*. Lisboa: CHAM, UNL / CEPCEP, UCP, 501-512. Em linha desde 2012:

<http://repositorio.ul.pt/handle/10451/4841>.

Cruz, M. L. G. (2006). O Crime de Lesa-Majestade nos Séculos XVI-XVII: Leituras, Juízo e Competências. In *Rumos e Escrita da História. Estudos Homenagem a A.A. Marques de Almeida*. Lisboa: Colibri, 581-97. Em linha desde 2010:

<http://repositorio.ul.pt/handle/10451/1787>.

Cruz, M. L. G. (2007a). O comportamento humano num projecto de consciencialização e de reforma económica de 1553. In *Problematizar a História. Estudos de História Moderna em Homenagem a Maria do Rosário Themudo Barata*. Lisboa: Caleidoscópio / CHUL, 307-342. Em linha desde 2010:

<http://repositorio.ul.pt/handle/10451/1788>.

Cruz, M. L. G. (2007b). Relações entre Poder real e Inquisição (sécs. XVI - XVII): fontes de renda, realidade social e política financeira. In *Inquisição Portuguesa: Tempo, Razão e Circunstância*. Lisboa; São Paulo: ed. Prefácio, 107-126. Em linha desde 2011:

<http://repositorio.ul.pt/handle/10451/3808>.

Cruz, M. L. G. (2009). Justos negócios e política económica no Portugal Moderno. In *História comparada dos sistemas bancário e de crédito*. Lisboa: CHUL, 55-84. Em linha desde 2011:

<http://repositorio.ul.pt/handle/10451/3733>.

Cruz, M. L. G. (2010). Finances royales au Portugal au XVIème siècle: dynamique et composition sociale. *CNRS, HAL. Sciences de l'Homme et de la Société*. Em linha :

<http://halshs.archives-ouvertes.fr/halshs-00465900>.

Cruz, M. L. G. (2014). 'Sisa', first general and permanent tax in Portugal and the tension of an ill-known society / A 'sisa', primeiro imposto geral e permanente em Portugal e as tensões de uma sociedade pouco conhecida. Presentation of researches within Research Programmes of Advanced Studies (MA, PhD, postdoctoral) at Faculty of Letters of Lisbon University / History Centre. *Vozes dos Vales. Revista Multidisciplinar de Publicações Académicas*, n.6, ano III, 10. *Pesquisas Doutorais: os estudos realizados nos doutorados em diversas áreas do conhecimento*. UFVJM - MG - Brasil /Ministério da Educação do Brasil. ISSN: 2238-6424. www.ufvjm.edu.br/vozes.

Cruz, M. L. G., PINHEIRO, S. M. & TELES, M. J. (1984). *O Discurso Carnavalesco em Gil Vicente / no âmbito de uma história das mentalidades*. Lisboa: GEC Publicações.

- Delumeau, J. (1978). *La peur en occident (XIVe-XVIIIe siècles). Une cité assiégée*. Paris: Fayard.
- Elias, Norbert (1989-1990). *O Processo Civilizacional. Investigações sociogenéticas e psicogenéticas*. Lisboa: Dom Quixote, 2 v.
- Febvre, L. (1971). *O Problema da Descença no Séc.XVI. A Religião de Rabelais*. Lisboa: Ed. Início. [1942].
- Godinho, V. M. (1971). Complexo histórico-geográfico. In Joel Serrão (org.), *Dicionário de História de Portugal* [1963]. Lisboa: Iniciativas Editoriais, 644-649 [1961].
- Godinho, V. M. (1978). A 'Revolução dos Preços' e as Flutuações Económicas no século XVI & Flutuações Económicas e Devir Estrutural do século XV ao séc. XVII. In *Ensaio II* (2ª ed., 2ª P). Lisboa: Sá da Costa, 155-205. [1968].
- Godinho, V. M. (1981-1983). *Os Descobrimentos e a Economia Mundial* (2ª ed., 4 vols.). Lisboa: Editorial Presença. [1963].
- Godinho, V. M. (2000). *Le devisement du monde: De la pluralité des espaces à l'espace global de la humanité, XVème - XVIIIème siècles*. Lisboa: Instituto Camões.
- Goldstone, J. A. (1991). *Revolution and rebellion in the Early Modern World*. Berkeley; Los Angeles; London: University of California Press.
- Hamon, P. (2010). *L'Or des peintres. L'image de l'argent du XVe au XVIIe siècle*. Rennes: Presses Universitaires de Rennes.
- Janssens, V. (1958). *Revue belge de philologie et d'histoire*, Année 1958, Volume 36, Numéro 3, 1030-1031.
- Kristeva, J. (1984). *O Texto do Romance. Estudo Semiológico de uma Estrutura Discursiva Transformacional*. Lisboa: Livros Horizonte. [1970].
- Le Goff, J. (1987). *A Bolsa e a Vida. Economia e religião na Idade Média*. Lisboa: Teorema. [1986].
- Legay, M.-L. (dir) (2010). *Dictionnaire historique de la comptabilité publique vers 1500-vers 1850*. Rennes: Presses Universitaires de Rennes.
- Mandrou, R. (1998). *Introduction à la France moderne (1500-1640). Essai de psychologie historique* (nova ed. rev. Aumentada). Éditions Albin Michel. [1961].
- Martin, I. W., Mehrotra, A. K. & Prasad, M. (eds.) (2009). *The New Fiscal Sociology. Taxation in comparative and historical perspective*. New York: Cambridge University Press.
- Mauro, F. (1966). *Le XVIe siècle européen. Aspects économiques*. Paris: PUF.
- Milhou, A. (1978). Aspirations égalitaires et société d'ordres dans la Castille de la première moitié du XVIe siècle. In *Les mentalités dans la Péninsule Ibérique et en Amérique*

Latine aux XVIe et XVIIe siècles. Histoire et problématiques. Actes du XIIIe Congrès de la Société des Hispanistes Français de L'Enseignement Supérieure (Tours 1977). Tours: Publications de l'Université de Tours.

- Mousnier, R. (1984). Révoltes et tentatives de révolutions en France de la fin du Moyen-Âge à la Révolution Française (1453-1789). *Revista de história das Ideias*, 6.
- Oliveira, A. (1982). Estrutura Social de Coimbra no séc. XVI. In *A Sociedade e a Cultura de Coimbra no Renascimento*. Coimbra: EPARTUR, 57-95.
- Oliveira, A. (2002). *Movimentos Sociais e Poder em Portugal no século XVII*. Coimbra: Instituto de História Económica e Social. Faculdade de Letras de Coimbra.
- Puigarnau, A. (2002). Cultura mercantil y devoción mística en la Barcelona del Quinientos. In Jaume Aurell (ed.), *El Mediterráneo medieval y renacentista, espacio de mercados y de culturas*. Pamplona: EUNSA-Ediciones Universidad de Navarra, S.A., 103-139.
- Raison, J.C. (1978). Geographie humaine. In R. CHARTIER et al (eds), *La Nouvelle Histoire*. Paris: Retz.
- Rau, V. (1984). Aspectos do Pensamento Económico Português durante o século XVI. In *Estudos sobre História Económica e Social do Antigo Regime*. Lisboa: Editorial Presença, 83-129. [1961].
- Rau, V. (2009). *A Casa dos Contos. Os três mais antigos Regimentos dos Contos. Para a História do Tribunal de Contas*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda. [1951; 1959].
- Ribeiro, O. (1998). *Portugal o Mediterrâneo e o Atlântico: esboço de relações geográficas* (7ª ed. rev. e ampl.). Lisboa: Sá da Costa. [4ª ed. rev. ampliada, 1986].
- Sanches, J. L. S. (1987). *Princípios do Contencioso Tributário*. Lisboa: Editorial Fragmentos.
- Serrão, V. (1983). *O Maneirismo e o Estatuto Social dos Pintores Portugueses*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- Serrão, V. (2007). *A Trans-Memória das Imagens. Análise Iconológica de Pintura Portuguesa (sécs. XVI-XVIII)*. Lisboa: Cosmos.
- Shaw, L. M. E. (1992). Trade, Inquisition and the English Nation in Portugal: 1650-1690. *The Economic History Review*, August, Vol.45(3), 629(2).
- Spooner, F. (1956). *L'Économie mondiale et les frappes monétaires en France, 1493-1680*. Paris: Armand Colin.
- Tawney, Richard H., (rp.1977). *Religion and the Rise of Capitalism. A Historical Study*. Middlesex: Penguin Books [1926].
- Tenenti, A. (1991). O mercador e o banqueiro. In E. Garin (dir.), *O Homem Renascentista*. Lisboa: Editorial Presença, 145-167. [1988].

- Van Nierop, H. F. K., (1991). 'A Beggars' Banquet. The compromise of the nobility and the politics of inversion', *European History Quarterly* 21, 419-43.
- Van Nierop, H. F. K. (1993). *The nobility of Holland: from knights to regents, 1500-1650*. UK: Cambridge University Press.
- Wallerstein, I. (1990). *O sistema mundial moderno* (2 vols). Porto: Afrontamento. [1974-89].
- Wallerstein, I. (2004). A descoberta da economia-mundo. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 69, Outubro, 3-16.
- Weber, M. (2005). *A ética protestante e o espírito do capitalismo* (6ª ed.). Lisboa: Editorial Presença. [1904].